

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Josiane Aparecida Ferreira de Matos

**MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: possibilidades e dilemas na
prática musical do professor**

Belo Horizonte

2015

Josiane Aparecida Ferreira de Matos

**MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: possibilidades e dilemas na
prática musical do professor**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Cláudio Emanuel dos Santos

Belo Horizonte

2015

Josiane Aparecida Ferreira de Matos

**MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: possibilidades e dilemas na
prática musical do professor**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Cláudio Emanuel dos Santos

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Cláudio Emanuel dos Santos – Faculdade de Educação da UFMG

Valmir Alcântara Alves – Doutorando do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

O presente estudo refere-se às possibilidades e dilemas nas práticas musicais das professoras da educação infantil. O objetivo central da pesquisa é discutir a relação entre as práticas de professores no trabalho com a linguagem musical e a formação específica. Para desenvolver esse trabalho foi realizada observação em campo, questionários e entrevistas com professores sem e com formação na área musical. Na primeira parte, buscou-se enfatizar os conceitos de música, linguagem musical e musicalização infantil e, principalmente, a sua importância para a criança. Na segunda parte, foi feito um resumo de como a música acontece na Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos, escolhida para a realização da pesquisa. Na terceira parte, é feita a análise de dados e, num confronto com o RCNEI, buscou-se enriquecer os dados coletados e justificar alguns dilemas percebidos. Após as análises, foi imprescindível ressaltar a necessidade da formação continuada para as professoras sem formação específica, de maneira a contribuir com uma prática mais coerente e significativa no desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave:

Linguagem musical – Formação de professores – Educação infantil

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que, em sua infinita bondade, me proporcionou mais esse crescimento profissional.

A todas as minhas colegas da Escola Christovam Colombo, pelo incentivo.

A todas as professoras que responderam aos questionários e\ou entrevistas.

Aos professores, que, mesmo sem me conhecer, se dispuseram a contribuir com as entrevistas.

Às crianças, razão das angústias, buscas e satisfação.

À Stefânia, pela contribuição constante, paciência e disposição.

À minha família, pelo apoio e carinho, apesar da distância e ausência.

Aos meus afilhados que tanto amo.

Enfim, a todos aqueles que sempre torceram por mim, incentivando para que eu pudesse chegar até aqui.

Muito, muito obrigada!

LISTA DE SIGLAS

ACEPAT	Atividades coletivas de planejamento e avaliação
CMI	Centro de Musicalização Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares para Educação Infantil
LDBEN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCNEI	Referencial Curricular para Educação Infantil
SMED	Secretaria Municipal de Educação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
1.1 Conceituando música/musicalização.....	14
1.2 A música e outros campos de conhecimento.....	18
1.3 Um pouco de história	20
1.4 A inclusão da música na educação infantil	22
1.5 Os benefícios da música para as crianças	23
2. AS PRÁTICAS MUSICAIS DAS PROFESSORAS NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR CHRISTOVAM COLOMBO DOS SANTOS	25
2.1 A música no coletivo da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos	25
2.2 A música nas salas e questão da formação	27
2.3 A música no Projeto Político Pedagógico da escola	29
2.4 Minha experiência de formação e suas as implicações	30
3-ANÁLISE DE DADOS	33
3.1 O que as entrevistas e questionários apontam	33
3.2 Perspectivas para a educação infantil e seus dilemas	40
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
4. REFERÊNCIAS	49
5. APÊNDICE.....	50

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procurou examinar as práticas musicais de professores sem formação no campo da música, refletindo sobre as possibilidades e dilemas na realização de um trabalho de qualidade com a linguagem musical na educação infantil. Assim, este trabalho busca, sem a pretensão de esgotar a questão, estabelecer um diálogo com os documentos produzidos pelo poder público como as orientações contidas nos referenciais (RCNEI, 1998) e as diretrizes (DCNEI, 2009) sobre o ensino da música na educação infantil.

Desta forma, buscou-se analisar as atividades musicais desenvolvidas em sala de aula por profissionais com e sem uma formação específica na área, seja essa formação inicial ou continuada e, à luz, dos comentários coletados e com a contribuição de algumas produções na área, buscar aproximar da questão problema que me coloco neste trabalho com relação ao descompasso entre as exigências colocadas às professoras e à formação que estas possuem.

Atuo, há 10 anos, na educação infantil e na rede pública municipal de Belo Horizonte, com crianças de 3 a 5 anos, e sempre gostei e trabalhei música com elas, porque, intuitivamente, percebia ser uma atividade prazerosa e importante no contexto da sala de aula. No entanto, cada vez mais, principalmente após ter contato com o RCNEI, fui sendo tomada por uma insatisfação com minha atuação nesta linguagem, por perceber que, o modo como trabalhava, era espontaneísta e, conseqüentemente, não contribuía satisfatoriamente para o desenvolvimento das crianças nesse aspecto, mesmo que trouxesse satisfação a mim e a elas.

De acordo com SNYDERS (2008, p. 18), a música pode contribuir para tornar o ambiente escolar mais alegre e favorável à aprendizagem; este autor destaca que “propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente”.

No entanto, minha angústia não era o suficiente para mudar e realizar um bom trabalho, já que não possuía conhecimento sobre o tema e, conseqüentemente, não havia consciência das concepções, intencionalidades e implicações de minha atuação.

Infelizmente, só a consciência de que a música possui um importante papel na educação de crianças não é suficiente para se conseguir atuar como informante e propulsora de mudanças na construção de noções e conceitos musicais, ou seja, contribuir no processo de aprendizagem musical delas. Essa constatação passou a me incomodar cada vez mais.

Questionando minha atuação como professora de educação infantil e observando práticas musicais realizadas na escola em que atuo, percebi que a deficiência com o trabalho na linguagem musical não era uma questão particular e, sim, uma realidade brasileira contundentemente constatada no RCNEI

"A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada. Outra prática corrente tem sido o uso das bandinhas rítmicas para o desenvolvimento motor, da audição, e do domínio rítmico. Essas bandinhas utilizam instrumentos — pandeirinhos, tamborzinhos, pauzinhos etc. — muitas vezes confeccionados com material inadequado e conseqüentemente com qualidade sonora deficiente. Isso reforça o aspecto mecânico e a imitação, deixando pouco ou nenhum espaço às atividades de criação ou às questões ligadas a percepção e conhecimento das possibilidades e qualidades expressivas dos sons." (RCNEI, 1998, p.47)

Buscando formas de atuar diferentes das descritas na citação acima, fiz inscrição para um curso de musicalização infantil denominado "Música na escola regular", destinado a professores da educação básica, realizado pelo Centro de Musicalização Infantil - CMI, na Universidade Federal de Minas Gerais. O curso tinha o objetivo de formar professores de música para atuar nas escolas da rede municipal de Belo Horizonte, por meio de parceria com a Secretaria Municipal de Educação, e

de fomentar pesquisa dentro da temática, focando as necessidades para a formação do professor de música.

Na interação com as demais alunas do curso, descobri que elas compartilhavam das mesmas angústias. Logo no início do curso, percebi o quanto era "leiga" no assunto, mas que poderia avançar nas propostas educativas relativas à linguagem musical. Foram ricos e constantes os momentos em que trocávamos sugestões de atividades, em que dialogávamos sobre qual o melhor caminho a seguir em busca de ampliar o conhecimento musical das crianças e qual a maneira correta de apresentar novos estilos de música e diferentes gêneros musicais, dentre outras dúvidas.

Desta forma, o curso contribuiu para que eu tivesse novo olhar e percebesse novas possibilidades do trabalho com música. No entanto, como já foi dito, além de refletir sobre minha prática, também constatei que não era uma questão pessoal. O trabalho com a linguagem musical precisa ser repensado em um contexto mais geral! Desta maneira, acreditando que a chave para alterar essa realidade está na formação da professora, ingressei no curso de Pós-graduação em Educação Infantil (LASEB) e elegi como foco de pesquisa as questões que envolvem a relação entre a formação no campo musical e a atuação no âmbito da educação infantil.

Mesmo sabendo que esse é um tema recorrente nas discussões de educação, escolhi a temática, entendendo-a como relevante e importante ao se pensar as produções e a formação para a educação infantil, já que tenho a esperança de ir além da constatação óbvia de que a formação é determinante na atuação da professora, como respondeu, no questionário, uma professora de musicalização: "Como em qualquer área, um professor sem formação específica deixará a desejar em seu trabalho. Mas essa formação não precisa ser só acadêmica. É preciso conhecimento dos conteúdos a ser aplicados. Cursos, pesquisas e prática ajudam muito na formação."

Assim, pretendo avançar um pouco nessa discussão, demonstrando que, muitas vezes, as exigências colocadas às professoras ultrapassam sua formação e, dessa forma, não são respeitadas por falta de entendimento.

Neste sentido, o presente trabalho busca sensibilizar para a importância de

políticas de formação que acompanhem os avanços teóricos e as exigências legais, de modo a instrumentalizar as professoras em suas práticas.

Ao realizar este trabalho, deparei com alguns limites. O trabalho de observação nas salas de aula foi muito difícil, devido a vários obstáculos, principalmente, a incompatibilidade entre os horários em que seria possível a observação e a rotina das turmas. Infelizmente, minha realidade determinou que as observações fossem realizadas no mesmo horário e escola em que atuo. Assim, o horário disponível para observação era o do meu ACPAT (Atividades coletivas de planejamento e avaliação). Tal horário é destinado a realização do planejamento, encontro com pais, escrita de relatórios e diários de classe, reunião com coordenação, dentre outras atividades diárias de um professor de educação infantil.

Além disso, devido a forma como a escola é organizada, a ausência de um professor desorganiza toda a sua estrutura, uma vez que, a cada falta de professor, os demais assumem novas tarefas, além do horário ser redividido, o que, muitas vezes, impediu a observação. Mas o maior dificultador do trabalho foi mesmo a incompatibilidade de horários! Geralmente, o horário disponível para a observação era o mesmo em que as crianças estavam em atividades fora da sala de aula, no pátio, parquinho ou refeitório.

É importante esclarecer a opção por tratar o profissional que atua na educação infantil como professora. Sendo as mulheres, a maioria nas Instituições de Educação Infantil, considerei importante salientar a importância desse gênero na construção desse nível de ensino. Também não foi usado a terminologia educadora, por uma questão política que vai de encontro como a luta por isonomia e valorização dessa profissional.

As professoras da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos foram o principal alvo de minha pesquisa.

A Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos foi inaugurada em 04 de abril de 1982. O Conjunto Educacional, como era chamado, foi criado com o apoio do Fundo Cristão para Crianças e do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAF e tinha como finalidade atender crianças de quatro a seis anos, provenientes da comunidade local. Desde 2004, a escola funciona na rua Vereador

Nélson Cunha, nº 90 no Bairro Estoril. Atualmente, atende crianças de 1 ano e 8 meses a 5 anos e 8 meses, em 2 turnos. Possui 9 turmas pela manhã e 9 turmas à tarde, e tem capacidade máxima para até 400 alunos.

A escola atende, em sua grande maioria, crianças moradoras da Comunidade Ventosa, região onde está situada. Tal comunidade convive com todos os tipos de violência e muitas crianças não têm apoio da família. São famílias de baixa renda e com carências de toda ordem. Mas vem crescendo, cada vez mais, o número de famílias que valorizam a escola, por entenderem a educação infantil como uma etapa importante, participando de forma consciente da vida escolar dos filhos.

O corpo docente da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos é formado por professoras de 1º e 2º ciclo do ensino fundamental e professoras para a educação infantil, quando, em 2004, houve diferenciação entre as professoras que atuam na educação infantil, inclusive com desvalorização salarial. Também é importante salientar que toda equipe de professoras da escola está engajada na busca de aprimoramento de estratégias para a realização de um trabalho coerente com a concepção de criança, de desenvolvimento infantil, de aprendizagem e sua relação com a sociedade e o ambiente em que estão inseridos.

Esta é uma pesquisa qualitativa que tem caráter exploratório, que sugere se familiarizar com um assunto e, ao final, conhecer mais sobre o assunto e estar apto a construir hipóteses. Segundo Marconi e Lakatos:

São investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma futura pesquisa mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 190).

Para desenvolver esta pesquisa foram realizadas observações na escola, no turno da tarde, com professoras referências de turmas de crianças de idade entre 3 e 5 anos e que não contam com formação específica no campo musical. Também foram aplicados questionário e entrevista com professores sem formação na área e com professores com formação. Considerei importante aplicar questionários também a professores que têm formação específica em música para confrontar as atividades

que estes desenvolvem, de maneira a identificar se, de fato, há uma diferença na atuação, justificada por uma melhor formação.

As observações foram realizadas com o intuito de responder a questões como: Quais são as atividades realizadas no trabalho com a linguagem musical? Como o ambiente e as crianças eram organizadas? Quais materiais utilizados, quais as intenções da professora com tais atividades e o tempo dedicado a elas? A professora demonstrou algum incômodo na coordenação daquela vivência? Introduziu algum elemento do campo conceitual durante a atividade?

Neste sentido, buscou-se identificar: as principais dificuldades encontradas pelas professoras para trabalhar com linguagem musical; as verdadeiras concepções embutidas no trabalho com música realizado pelas professoras e as possibilidades do trabalho com a linguagem musical.

Após as observações, considerei importante complementar minhas percepções através de questionários que foram aplicados para confirmar ou não os dados da observação e apurar se as professoras tinham clareza de suas intenções e se trabalhavam conscientemente com o universo de significados, motivos e valores. Também foi importante realizar entrevistas para complementar e confrontar os dados coletados. Tais entrevistas foram realizadas com as professoras observadas e outras professoras da escola que considerei terem contribuições importantes para a pesquisa.

Como já foi citado, para apurar a importância ou não da formação, considerei interessante também realizar entrevistas e questionários com professores com formação específica, mas, infelizmente, não foi possível fazer observação de tais profissionais atuando. No entanto, considero que os questionários foram importantes para confrontar a realidade do trabalho de professores com e sem formação específica.

Outro procedimento que deu consistência às minhas análises foi a consulta aos diários de classe da escola do ano de 2014, do turno da tarde, para verificar se a linguagem musical é tema de planejamento, avaliação ou comentário das professoras naqueles documentos.

Finalmente, foi fundamental a análise do RCNEI e DCNEI para confrontar as exigências contidas nesses materiais e a realidade observada, que, à luz das

pesquisas bibliográficas sobre a música/musicalização Infantil, puderam qualificar as análises.

Após a realização deste trabalho, faz-se necessário salientar que, mesmo com minha angústia diante de minha formação insuficiente e os problemas enfrentados no cotidiano da escola, existe muita esperança no meu buscar e no meu fazer. Terminando citando um trecho de uma das entrevistas realizadas: “por muito tempo, a educação na infância ficou esquecida; portanto, considerando-se o pouco tempo em que as legislações e as pesquisas teóricas passaram a considerar a criança, devemos acalmar nossas inquietações e considerar que estamos no caminho certo e em movimento até bem dinâmico, ou seja, parece que não, mas a educação infantil está em ebulição”. É com alegria que me incluo nesse estado de ebulição.

1.1 Conceituando música/musicalização

A música, como área de conhecimento, vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões e produções teóricas como conteúdo curricular, desde a educação infantil. A Lei 11.769/2008, que torna o ensino da música obrigatório nas escolas brasileiras, vem impulsionando as produções teóricas com a inclusão desta área de conhecimento nas práticas educativas.

Já existem exigências nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - Artigo 9º, Inciso II e IX e vários referenciais a nível nacional e regional que passam a valorizar esse conteúdo específico nessa etapa da educação.

Neste sentido, torna-se importante compreender, conceituar essa forma de expressão criada pela humanidade e muitos são os teóricos que buscam conceituá-la.

Houaiss apud Bréscia (2003, p. 25) conceitua a música como “[...] combinação harmoniosa e expressiva de sons e como a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização etc”.

Já Gainza (1988, p. 22) ressalta que: “A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidades e grau”.

No documento “Currículo da Educação Infantil de Contagem - Experiências, Saberes e Conhecimentos: a criança, a música e a linguagem musical”, a música está definida como uma das “mais sublimes criações da humanidade. É uma arte e, ao mesmo tempo, uma linguagem criada pelo homem para expressar sentimentos, emoções e pensamentos, ultrapassando os limites da palavra. Assim, é uma linguagem que tem sentido próprio e que conquistou espaço de existência enquanto arte. Pode ser vista como linguagem por ser um fenômeno semiótico, uma forma de interação capaz de expressar o mundo interno do indivíduo” (2012, p. 17).

Para Bona (2007, p. 2) a música é a “arte de manifestar os diversos afetos de nossa alma mediante o som”.

Rosa (1990, p.19) identifica a música como “uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir”.

“Do ponto de vista estrutural a música é a arte de combinar os sons e o silêncio. Os sons são produzidos por vibrações e o silêncio, em música, é chamado de pausa” (Currículo da Educação Infantil de Contagem, 2012, p. 9).

Para Granja “A música é uma linguagem que fala diretamente aos sentidos e, por esta razão, está intimamente ligada a percepção” (2010, p. 18).

Essas diferentes definições destacam a música enquanto linguagem, salientando seu poder no nosso emocional, inclusive como algo que toca os sentimentos e a alma. A música torna-se linguagem, uma vez que, é um sistema de representação, uma maneira de comunicar e expressar, portanto, uma produtora de sentido.

Utilizamos a linguagem para significar e dar sentido as nossas experiências e vivências, seja através da fala, escrita ou outros signos. Para Brito (2003, p. 26) “a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos”. “É uma linguagem que organiza, intencionalmente os signos sonoros e o silêncio no tempo espaço.”

No entanto, sua dimensão corporal, expressiva e cultural é mais observada

pela escola, enquanto aspecto a ser trabalhado. Percebe-se que os conceitos de musicalização, aproximam-se mais do papel da educação musical, trazem em si a ideia da relação entre aprendizagem/desenvolvimento, conseqüentemente, há que se perguntar pela professora e sua formação para cumprir tal papel.

No dicionário on-line (Wikipédia) musicalização é definida como processo de construção do conhecimento musical, cujo principal objetivo é despertar e desenvolver o gosto pela música, estimulando e contribuindo com a formação global do ser humano. É feita através de atividades lúdicas visando o desenvolvimento e aperfeiçoamento da percepção auditiva, imaginação, coordenação motora, memorização, socialização, expressividade, percepção espacial, etc. O lúdico funciona como elemento motivador e de estímulo para o desenvolvimento da expressão musical, onde a imitação, a percepção e a criação são os principais elementos deste processo.

Para Brécia (2003) a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação.

Identificando a diferença entre os conceitos de música e musicalização seria interessante que a professora tivesse consciência se o seu papel é oportunizar a música na escola ou se seu papel seria de possibilitar a construção de conhecimento nesse aspecto, ou seja, musicalização. Penso que a música está presente nas instituições com maior ou menor qualidade, mas nos falta formação para atuar na “musicalização”.

A criança, enquanto produto e produtora da cultura, traz seu contexto social para a escola e, assim, um repertório musical que, muitas vezes, choca com o gosto e conhecimento musical da professora. Um dilema que vem sendo superado gradativamente, já que, sem a devida formação da professora, muitas vezes, só acontecia o corte, a negação do que é próprio da realidade vivida pela criança. Esta atitude de negar a vivência musical que a criança traz de casa, acarreta incômodo

enorme, por ser uma postura inadequada, mas é determinada pela insuficiência na formação da professora.

É crescente a qualidade do trabalho com música nas escolas. Tanto com o enriquecimento do acervo de CDs e DVDs, em qualidade e diversidade, como na sensibilidade das professoras, valorizando a música como linguagem e possibilitando a livre expressão das crianças, incentivando a criatividade dos gestos na interpretação da música. Também é crescente o movimento de aceitação e valorização da diversidade cultural, mesmo sem saber como agir com as letras e gestos inapropriados num espaço educativo.

O RCNEI nos apresenta a música como linguagem e forma de conhecimento. Um meio de expressão acessível a todas as crianças, presente no cotidiano escolar, familiar e social. Portanto, as crianças já apresentam um conhecimento sobre música quando chegam nas escolas, pois já fazem parte de uma cultura onde a música está inserida.

Para que as atividades de musicalização infantil contribuam com o desenvolvimento da criança, se tornando, de fato, fonte de conhecimento, além de considerar os conhecimentos já construídos pelas crianças, devem estimular a interação entre elas e, conseqüente, socialização desses saberes. Assim, devem ser contextualizadas e planejadas e não apenas desenvolvidas de forma espontaneísta e pouco produtiva.

São muitas as formas de se trabalhar a música com as crianças, as quais abrangem oportunidades de apreciação musical, interpretação, improvisação, composição, escuta, confecção de instrumentos, manipulação dos instrumentos, realização de jogos e brincadeiras, sonorização de histórias, parlendas, sons do cotidiano, dentre outras. Mas o importante é que seja sempre de maneira significativa e intencional, enriquecendo e ampliando as experiências musicais e percebendo várias sensações e sentimentos que a música leva a sentir.

O desenvolvimento da criatividade deve ser parte integrante da linguagem musical. Ao fazer música a criança reproduz e cria, num faz de conta, as percepções e sentimentos que ela assimila.

É preciso salientar que essa combinação de ritmo, harmonia, melodia e silêncio agradável ao ouvido chamada música, precisa ser repensada na escola. O papel da educação infantil no processo de formação da criança como intérprete e apreciador da música é fundamental. Esse é um campo muito extenso para ser explorado e com muitas possibilidades, sendo a formação da professora essencial, inclusive para potencializar as contribuições trazidas pelo RCNEI.

1.2 A música e outros campos de conhecimento

A música por ser uma forma de expressão transformadora e tão peculiar dos seres humanos está ligada a muitos campos de conhecimento. Na matemática é muito estudada, pois sabe-se que o som se comporta como uma onda ou conjunto de ondas distintas. No decorrer da história, foi através da matemática que se chegou a construção das escalas musicais, gerando assim a possibilidade de se conhecer a estrutura em que se desenvolve o som musical, acompanhado de suas características físicas.

Várias observações sobre o som estão ligados a matemática. Há uma relação matemática nas notas musicais, na frequência do som. Os elementos do som que são intensidade, altura e timbre são conceitos matemáticos. A intensidade refere-se ao volume do som, um som forte se distingue de um fraco. A altura do som está ligada unicamente à sua frequência (alto- agudo, baixo- grave); já o timbre depende da natureza do corpo sonoro. Também há matemática na construção de instrumentos de corda, na divisão rítmica musical e na harmonia musical.

No campo da antropologia, a música é vista sob a ótica de diversos aspectos de um povo, de uma época, de um grupo social, pois é uma manifestação cultural presente na humanidade. Representa a identidade de determinados grupos. Permeia manifestações e acontecimentos de uma sociedade. Desta forma, cada cultura tem sua concepção do que é música e do papel que ela representa para a sociedade.

Na área religiosa é vista como forma de expressar crenças e ritos. De maneira vocal ou instrumental, a música é utilizada para festejar, adorar e louvar. Por falar direto ao coração, emocionar, confortar, tocar profundamente, ela se

mistura às crenças. Alguns dizem facilitar a comunicação entre corpo e espírito. Portanto, a música torna-se símbolo de manifestações religiosas por todo o mundo.

E seguindo essa mesma linha, na área da saúde tem sido usada para alterar os estados psíquicos e físicos do ser humano, um importante auxílio no processo de prevenção, restauração e reabilitação da saúde. A musicoterapia conduz o paciente a um encontro consigo mesmo por meio deste poder que tem de levar o humano a atingir a sua essência.

Alan Merriam, em texto produzido por Aaron Lopes, na disciplina Seminários em Etnomusicologia I, Salvador, 2009, vai dizer que a “música pode e deve ser estudada sob vários pontos de vista, pelos seus aspectos históricos, psicossocial, estrutural, cultural, funcional, físico, psicológico, estético, simbólico, dentre outros. Se um entendimento da música está por ser encontrado, é claro que uma única forma de estudo não pode ser bem-sucedida pela substituição do todo”.

De modo geral, a música é uma maneira privilegiada de expressar interações sociais, culturais, emocionais e as experiências vividas pela pessoa; inclusive, muitos acreditam no seu poder transcendental. Não é por acaso que está ligada a várias áreas de conhecimento, sendo estudada por tantos campos do conhecimento e ao longo da história da humanidade.

Trabalhar música na educação infantil é trazer este vasto universo de possibilidades e explorá-lo de várias maneiras. É visível o poder que a música exerce nas crianças. Ela alegra, acalma, estimula, agrega. Neste sentido, ela sempre esteve presente nas instituições que acolhem crianças, sejam hospitais, escolas, igrejas etc.

Mesmo antes da Lei 11.769/2008, que institui o ensino de música nas escolas, a música já era presente nas creches e pré-escolas como importante recurso da rotina, utilizada para socializar, embutir valores, formar hábitos e divertir as crianças. Mas considero que, a partir do RCNEI, as professoras passaram a vislumbrar a música como campo de atuação educativa, ou seja, passaram a se preocupar com o dilema: existem ou não conceitos a serem trabalhados e avaliados na área musical. E como ensinar, se a formação é insuficiente.

Cabe uma reflexão importante: a presença marcante da música nas práticas

educativas poderia ser determinada por seu valor e seu poder intrínseco em cada um de nós, constituinte do tornar-se humano. Como ressalta SNYDERS (2008, pág.115) “através da música, podemos perceber o universo inteiro como um concerto; a força absoluta da música leva-nos a sentir que ela conduz ao absoluto”.

1.3 Um pouco de história

Segundo Brécia (2003), a música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações.

Sem a pretensão de abordar a história da música na humanidade, faz-se necessário, gotejar alguns pontos para situar o quanto a música é importante e antiga na nossa cultura e como ela foi construída historicamente pela humanidade. Desde as primeiras civilizações existem evidências da música como necessidade do homem. Existem pinturas rupestres, cujas imagens dão a ideia de figuras humanas dançando e tocando instrumentos. Também há vestígios da existência de instrumentos musicais nas culturas mesopotâmica, egípcia, grega e romana.

Várias são as evidências de que a música e, conseqüentemente, a educação musical vem se desenvolvendo tanto no mundo ocidental como oriental, desde a antiguidade, demonstrando a relação mágica da música com o ser humano. Inclusive, a música tem cumprido objetivos ideológicos com muita eficiência em diferentes períodos históricos. Como, por exemplo, na popularização do governo Getúlio Vargas e nos jingles próprios das campanhas eleitorais.

No Brasil, os índios, povo festivo e musical, mesmo com a aculturação imposta pelos portugueses, mantiveram seu traço cultural de associar a sua música ao universo transcendente e mágico. A música indígena, desde a sua origem, é ligada a mitos fundadores, tendo como finalidade a socialização, rituais, cultos, com forte ligação com os ancestrais e a cura.

Devido a constituição do povo brasileiro, a música, como nos demais traços culturais, constituiu-se, principalmente, a partir da fusão de elementos indígenas, portugueses e africanos. Os jesuítas, que aqui vieram, se valeram da música para fins de catequese, influência essa, que se reflete até hoje no ensino musical em muitas práticas educativas. Também é riquíssima a contribuição dos africanos na

música brasileira, destacando-se a variedade de ritmos e a dança.

A música brasileira destaca-se no cenário mundial, devido a sua diversidade e qualidade. Movimentos como a Bossa Nova, a Tropicália, a Jovem Guarda e o Clube da Esquina mostram a riqueza de nossa música.

Quanto a educação musical brasileira, Bréscia (2003) coloca que começou com professores particulares, pagos por famílias com maiores posses e estava ligado, inicialmente, a práticas religiosas.

Na década de 30, o canto orfeônico tornou-se disciplina obrigatória nos currículos escolares devido a um projeto desenvolvido por Heitor Villa-Lobos. Mas, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 1961), essa disciplina foi substituída pela educação musical.

Já com a nova LDBEN (1971), a educação musical foi extinta e, a partir daí, surge o professor polivalente, responsável por todas as linguagens artísticas: música, artes cênicas e artes plásticas.

Com a Constituição de 1988 e, conseqüente, promulgação da LDB de 1996, a música passou a ser considerada uma das linguagens artísticas a ser ensinada na escola, ao lado das artes visuais, da dança e do teatro.

Com a Lei nº 11.769, sancionada em 18 de agosto de 2008, ficou determinado que a música deverá ser conteúdo obrigatório na Educação Básica.

A resolução nº. 5, de 17 dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, que devem ser observadas na organização de propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil- IEI, em seu Artigo 9º, inciso - II determina que devem ser garantidas às crianças, por meio das interações e da brincadeira, experiências que “favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão[...]” (Brasil, 2009, p. 4), dentre elas a musical. Já o inciso IX, do mesmo artigo, enfocando especialmente a dimensão artística da música determina que sejam possibilitadas às crianças experiências que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura”. (Brasil, 2009, p. 4).

1.4 A inclusão da música na educação infantil

A música é um assunto que está presente em todos os povos em diferentes épocas e situações. Atualmente, pertence ao universo das belas-artes. É uma linguagem que interage com todas as outras disciplinas, contribui para que conhecimentos sejam apreendidos e transmitidos. É uma forma de se expressar que independe de sua condição social, religiosa e, portanto, é muito diversificada. Reflete a cultura e é possível de ser oferecida a todos, embora cada um a receba de maneira diferente.

Por constituir-se em uma linguagem universal, ela faz parte da vivência das crianças abrindo um leque de possibilidades no processo ensino-aprendizagem de forma simples, criativa e alegre.

No entanto, a história da educação infantil no Brasil nos mostra que as primeiras creches ou jardins de infância tinham cunho totalmente assistencialistas, sem uma função pedagógica; quando a música acontecia, tinha a função de alegrar ou doutrinar. Com o tempo fatores sociais, legislações e pesquisas ligadas a psicologia e educação propiciaram mudanças no trabalho exercido com as crianças pequenas. Os trabalhos passaram a assumir caráter pedagógico, enfatizando o desenvolvimento integral das crianças.

Com a aprovação e promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei 9394/96), a educação infantil passa a ser parte do ensino básico, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade.

Com isso, inaugura-se um novo contexto que possibilita oportunidades que não sejam apenas as ligadas aos órgãos de assistência social. Novas propostas passam a nortear a educação infantil, com estruturas abertas e flexíveis, mas salientando a importância de práticas intencionais na Educação Infantil e da formação desse profissional.

Em 1998, foi publicado, pelo Ministério da Educação (MEC), o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (Brasil, 1998), apontando metas de qualidade, com objetivos, conteúdos e orientações didáticas para o trabalho com crianças de zero a seis anos.

No RCNEI, a linguagem musical aparece como uma das sete linguagens contempladas nos eixos de trabalho, entendendo as práticas musicais centradas em visões como a experimentação, a interpretação, improvisação e a composição, além de abranger a percepção tanto do silêncio quanto dos sons e as estruturas da organização musical.

1.5 Os benefícios da música para as crianças

Acredita-se que, já na fase intrauterina, a criança já se relaciona com a música e são inúmeros os benefícios proporcionados pelo contato com a música em todas as fases do desenvolvimento infantil na área cognitiva, linguística, social e motora e que esta estimula áreas do cérebro que beneficiam outras linguagens. É uma linguagem acessível a todas as crianças, inclusive, as portadoras de necessidades especiais.

Experiências relacionadas à música favorecem e estimulam os sentidos. Os sons, ruídos, ritmos e o silêncio fazem parte do nosso dia a dia. A música está intimamente relacionada às brincadeiras e permite ousar da criatividade, linguagem e imaginação.

A música estimula a atenção, concentração, memória, a criatividade e, principalmente, a percepção. Ela favorece o desenvolvimento motor, cognitivo, linguístico, a consciência corporal, contribui com os processos de socialização, sensibilidade, afetividade e ajuda a liberar emoções.

Trabalhada desde cedo, no contexto escolar, a música contribui muito com o desenvolvimento da criança, pois é uma linguagem que fala diretamente às emoções, de maneira lúdica, o mundo mágico dos sons pode ser introduzido ao universo infantil.

Para a autora BRITO, o modo como as crianças percebem, apreendem e se relacionam com os sons, no tempo espaço, revela o modo como percebem, apreendem e se relacionam com o mundo que vem explorando e descobrindo a cada dia". (2003, p. 41)

Por todas essas razões o professor deve planejar o trabalho com atividades musicais, mas não como uma simples recreação e, sim como forma de enriquecer

suas vivências, aprendizagens, favorecendo a sensibilidade, criatividade, a memória, concentração e o gosto musical.

Conforme Mársico (1982, p.148) “[...] uma das tarefas primordiais da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter acesso à música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja o ambiente sócio cultural de que provenha”.

A escola pode se tornar local privilegiado para as crianças explorarem formas de produzir sons e de ampliar o repertório musical que já possuem e que trazem de casa, uma vez que novos sons e músicas passarão a fazer parte de seu cotidiano.

2- AS PRÁTICAS MUSICAIS DAS PROFESSORAS NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR CHRISTOVAM COLOMBO DOS SANTOS

2.1 A música no coletivo da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos

Faz parte da rotina da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos a acolhida das crianças no pátio da escola. As crianças chegam e se agrupam de acordo com a turma e, junto com as professoras, cantam e dançam durante cerca de 15 minutos. Geralmente, as músicas são de CDs infantis conhecidos e, algumas vezes, diferentes crianças pedem para cantar no microfone uma música especial do cotidiano delas e são acompanhadas por todos os outros.

Em datas especiais, as músicas também passam a fazer parte destes momentos, como, por exemplo, as marchinhas de carnaval, músicas de páscoa, junina, de natal e dos projetos trabalhados na escola.

Uma vez por mês, acontece um momento coletivo onde, de acordo com o cronograma, cada turma faz uma apresentação e, muitas vezes, a música torna-se o aporte para a mesma.

Em épocas especiais, a escola sempre faz apresentações envolvendo música e dança, com a participação de todo o coletivo, como baile de carnaval e a festa junina, que já faz parte da cultura da escola e tem a participação da comunidade com apresentação de todas as turmas.

Anualmente, em uma Mostra Cultural, acontece o fechamento do projeto institucional da escola, com apresentação de números referentes a tal projeto e apresentação de natal (cantata) para o dia da visita do Papai Noel na escola.

Nos últimos anos, o coletivo da escola tem sugerido a música como temática para a formação continuada. A partir do trabalho de formação do assessor Paulo Lobão, profissional com pós-graduação em educação musical pela UFMG, que demonstrou riqueza de possibilidades nessa área, ficou salientado o interesse em alterar as práticas musicais na escola.

Neste sentido, criou-se um projeto específico de trabalho com música com professora e horários próprios. Porém, as professoras responsáveis pelo projeto

faziam parte do quadro da escola e não possuíam formação específica. Esta experiência aconteceu por quatro anos seguidos e, a cada ano, trocava-se a professora responsável, já que todas desistiam por falta de condições favoráveis para a realização de um trabalho de qualidade.

Em função da formação continuada e, conseqüente, sensibilização para o trabalho com música e para apoiar o projeto específico acima citado, a escola adquiriu instrumentos musicais de boa qualidade, confeccionados com material resistente como: pandeiro, tambor, tambor de palma, coquinho, caxixi, maracá e reco-reco. Tais instrumentos foram adquiridos de acordo com as instruções do assessor de música “Paulo Lobão”.

Como regra da escola, a exploração desses instrumentos pelas crianças deve acontecer sempre com a supervisão da professora, no entanto percebe-se que isso não faz parte do cotidiano da maioria das professoras.

Tanto as salas de aula quanto a brinquedoteca possuem instrumentos de brinquedo para as crianças (violão, pandeiro, guitarra e chocalho), e com estes as crianças se divertem à vontade, de maneira mais livre.

Há na biblioteca da escola um considerável número de CDs de músicas e alguns DVDs. Todas as salas também possuem som portátil, que felizmente é muito usado no cotidiano pelas professoras. Nas atividades realizadas no pátio da escola, pelas professoras, a música é sempre usada como recurso para alegrar ainda mais o ambiente.

Considero que os recursos materiais que a escola disponibiliza são satisfatórios para um trabalho de qualidade no campo musical, só nos falta um espaço físico adequado com amplitude e acústica apropriadas.

No entanto, apesar do universo musical descrito acima, é preciso que as atividades possam ser enriquecidas e as intencionalidades mais definidas, entendendo a linguagem musical como aspecto de intervenção pedagógica. Um fato que denota, que tal linguagem precisa de um olhar mais cuidadoso, é que não faz parte dos passeios oferecidos pela escola, visitas a Conservatório de Música ou peças musicais. Apesar de ocorrer apresentações esporádicas, ligadas a música e dança, de pessoas contratadas ou da comunidade. Destaco como um momento

muito rico de vivência musical na escola, a apresentação da Banda da Polícia Militar, quando, além de terem a oportunidade de apreciarem músicas de qualidade, de diferentes gêneros, as crianças podem conhecer diferentes instrumentos musicais que lhes são apresentados individualmente. A comunidade é convidada para tal evento, o que enriquece ainda mais esta iniciativa da escola.

2.2 A música nas salas e questão da formação

Nas salas observadas foi possível perceber que a música está sempre presente em diversos momentos.

Em uma das salas de 3 anos, a professora vem enfrentando, há cerca de 2 anos, um problema na voz e, por isso, as atividades com música ficam um pouco prejudicadas. As crianças ouvem músicas no som, mas não há momentos de “cantar junto”; são crianças pequenas e precisam da mediação da professora e esta não está apta por causa da saúde vocal.

Em outra sala de 3 anos, as crianças fazem diariamente momentos de rodinha com música, a professora também explora através de CDs, vários estilos de músicas. As crianças sempre andam pela escola cantando e brincando com diversas músicas.

Nas salas de 4 anos foi possível perceber que as professoras sempre fazem momentos coletivos de atividades em que enfatizam a música; elas cantam músicas infantis e realizam brincadeiras musicais.

Nas turmas de 5 anos, a linguagem musical perde um pouco de espaço para outras linguagens. As professoras observadas desenvolveram projeto com o uso de parlendas. As crianças de 5 anos parecem ser as que mais demonstram atitude crítica com relação a interação com as músicas ouvidas na escola, buscando trazer seu universo musical para a escola, como o funk.

De maneira geral, foi possível constatar que a música está constantemente presente no cotidiano da escola. As rodinhas de músicas ou brincadeiras cantadas são atividades constantes, mas estas atividades geralmente são realizadas para preencher o tempo, divertir, auxiliar o desenvolvimento das crianças, principalmente

com relação a linguagem oral.

As atividades mais observadas foram de canto, jogos e brincadeiras cantadas, sonorização de histórias, músicas acompanhadas de muito movimento, músicas para apreciação, relaxamento e também para formação de hábitos. Algumas vezes, também utiliza-se da música para fazer apresentações ligadas aos projetos da escola.

Os espaços mais utilizados foram as salas de aula, a biblioteca, onde se encontra o vídeo, corredores e pátio da escola. Não há, na escola, um lugar apropriado para tais atividades. Muitas vezes, tais atividades acontecem de maneira alternada entre momentos de rotina e de outras atividades pedagógicas.

Quanto ao repertório, está ligado principalmente a canções infantis, mas também há músicas folclóricas, música popular e instrumental. Percebe-se uma diferença entre as idades 2/3 anos e 4/5 anos. Os menores cantam principalmente durante as rodinhas, músicas mais simples e fáceis como, por exemplo, borboletinha, o sapo não lava o pé, dona aranha, pintinho amarelinho, atirei o pau no gato, caranguejo não é peixe, a barata diz que tem etc. Já os maiores ouvem mais músicas como as de Bia Bedram, Palavra Cantada, Rubinho do Vale, dentre outras. Também apreciam poesias musicalizadas e músicas mais agitadas, onde o movimento corporal é constante. Na sala de vídeo, os pequeninos apreciam muito os DVDs da galinha pintadinha e Patati Patatá.

As crianças menores, principalmente das turmas de 2 e 3 anos, sempre vão e voltam do refeitório cantando. Quando estão no pátio da escola é sempre possível ver várias brincadeiras cantadas, brincadeiras de roda, brincadeiras com música de CDs e música para relaxar ao final das atividades.

O trabalho de música na escola pode ir além, mas já é um trabalho rico em vários aspectos. Considerando as orientações do RCNEI, muitas vezes, percebe-se que a música é entendida como uma linguagem, mas ainda não como forma de conhecimento. Temos conseguido práticas importantes no aspecto da apreciação e, assim, desenvolver o gosto pela música, no entanto, com relação a produção e reflexão, para avançarmos, é imprescindível uma formação adequada.

2.3 A música no Projeto Político Pedagógico da escola

O último Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola consta da data de 2011, porém, está passando por uma reavaliação para que sejam realizadas mudanças e incluídos temas importantes. Neste projeto, a música aparece como uma das sete linguagens trabalhadas na Educação Infantil e vem acompanhada com um quadro de sugestões de metodologia de trabalho, contemplando as idades de 3, 4 e 5 anos.

Ampliar a linguagem e o vocabulário é mais prazeroso utilizando a música, formar hábitos também é mais agradável se cantarmos. Mas não é apenas neste sentido que a música se apresenta na educação infantil, produzir e descobrir sons do próprio corpo e dos objetos e organizar estes sons com o silêncio são fundamentais para a compreensão da estrutura musical. Explorar os sons em altura, duração, intensidade e timbre são possibilidades que devem ser oferecidas na educação infantil. Exercitar a audição, perceber os sons e os silêncios são importantes para a percepção do mundo. Na Educação Infantil, portanto, não é importante apenas ouvir diferentes tipos de música, mas também produzir música, descobrir sons e combinações.(PPP, 2011, p.36)

Percebe-se, nos quadros de metodologia de trabalho, que há uma riqueza de possibilidades apontadas e as orientações perpassam os eixos: brincar, interações e natureza, sociedade e cultura, com propostas para as idades de 3 a 5 anos. Infelizmente, não será possível uma análise de todas as orientações, e vou destacar apenas a real concretização das ações para cada idade.

Eixo	Linguagem Musical	Ações para 3 anos:
Brincar		Manuseio de objetos sonoros, manuseio de instrumentos musicais, construção de instrumentos musicais, apreciação de obras musicais, realização de jogos e brincadeiras musicais, explorar sons corporais, etc
Interações		Apresentações coletivas, dançar livremente, escolher os movimentos.
Natureza, Sociedade e Cultura		Danças e músicas específicas para o tema.

Eixo	Linguagem Musical	Ações para 4 anos:
Brincar		Coreografias, brincadeiras cantadas, hora do microfone, show de calouros, ampliar o repertório musical.
Interações		Acolhidas diárias, cantigas em grupo, músicas de toque
Natureza, Sociedade e Cultura		Acolhida, músicas para datas comemorativas, e relacionada a corporeidade, identidade. (Sempre propor a ampliação do repertório musical para além das músicas infantis)

Eixo	Linguagem Musical	Ações para 5 anos:
Brincar		Brincadeiras de roda, bandinha, brincadeiras com instrumentos, hora do microfone, show de calouros, cantar a música preferida
Interações		Acolhidas, coralzinho, cantar em grupos, músicas para trabalhar nomes
Natureza, Sociedade e Cultura		músicas regionalizadas como quadrilha, trabalho com o funk, o pagode, danças de formas diferentes

As atividades acima citadas, realmente acontecem na escola; no entanto, não há regularidade. Acontecem de maneira esporádica, geralmente ligada a algum projeto, ou seja, nem todas as professoras realizam tais atividades e não existe a preocupação em desenvolvê-las todos os anos.

2.4 Minha experiência de formação e suas as implicações

Como professora de educação infantil não tive dúvidas, em momento nenhum, das dificuldades que esta profissão oferece; por isso, procurei continuar os estudos. Comecei uma faculdade acreditando que esta me daria respostas a muitas

situações, mas descobri que, para atuar nesta área, a formação deve ser constante.

Terminada a graduação, já senti a necessidade de uma pós-graduação e, na oportunidade de fazê-la, quando tive que escolher um tema para pesquisa, a importância da formação, tema que tanto admiro, foi minha escolha. Decidi delimitar a formação para atuar na linguagem musical nesta pesquisa, por considerar ser esse o aspecto que mais tem incomodado na minha prática.

Muitas vezes, me vi perdida sem saber exatamente quais atividades oferecer para as crianças nessa área e, geralmente, o planejamento era feito sem pensar nas possibilidades e necessidades das crianças no que se refere ao desenvolvimento da linguagem musical.

O trabalho com música era um aporte ou recurso que enriquecia várias outras atividades das quais realizava, porém, sem formação específica, sempre este funcionava como um meio e nunca como um fim em si mesmo. Nunca definia objetivos a cumprir ligados a própria linguagem musical. Observando outras professoras na escola, percebi que passavam pela mesma situação.

Portanto, o meu interesse, ao participar do curso de música realizado na UFMG, se deu por me sentir muito insegura nesta área. Não sabia nem mesmo o que era grave e agudo. Na graduação, não tive nenhuma disciplina com este conteúdo e também não tive, em minha vida pessoal, experiências marcantes nesta área; sempre me limitei a ouvir música no rádio ou CD.

No curso, percebi que não era a única nessa situação, tratei de aproveitar todo o conteúdo explorado. Porém, o curso era oferecido a professoras da educação básica e as havia de todos níveis de ensino; sendo assim, a grande maioria das atividades propostas, não eram adequadas para a educação infantil. Mesmo assim, o curso ampliou meu olhar sobre esta linguagem, salientando, ainda mais, a necessidade da busca de novas possibilidades de atuação.

Logo no início, aprendemos sobre os elementos constituintes do som: duração, altura, timbre e intensidade. A reconhecer partes da música, a melodia, o ritmo entre outros. As aulas deixavam claro que havia muitas possibilidades de trabalhar música, além de simplesmente fazer rodinha e cantar canções infantis; não que isto não seja bom, mas pode-se avançar.

Comecei a adaptar as atividades aprendidas no curso para as crianças com as quais trabalhava. Explorei mais os instrumentos musicais que haviam na escola e permiti que as crianças também o fizessem. Confeccionei outros instrumentos com elas, diversifiquei a utilização dos CDs e DVDs da escola, ampliando, assim, o repertório musical das crianças, criando situações onde pudessem apreciar, interpretar, corporalmente, as sensações e os ritmos que cada estilo indicava. Passei a chamar a atenção para elementos da música que sentia já dominar melhor, como intensidade e altura. Ficava muito feliz quando uma criança me dizia que ouviu um som agudo em casa e o reproduzia, ou trazia para mim um instrumento feito com sucata, mostrando o "jeitinho" que usou para tocar a música.

No entanto, ainda me sentia insegura para criar outras situações e, principalmente, para intervir ou avaliar com relação à construção de noções/conceitos musicais. Nesses momentos, as trocas com as colegas de curso e com as professoras eram fundamentais, mas sabíamos que o objetivo do curso não era formar professoras de música e, sim, orientar e capacitar para o trabalho com linguagem musical.

Foi de grande importância para o meu trabalho a realização deste curso, pois realmente não tinha base nenhuma para trabalhar com a linguagem musical. Considero que continuo a questionar minha prática, continuo sentido necessidade de buscar maior formação, mas já avancei.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão, trouxe a oportunidade de investigação e enriquecimento não só da minha prática, mas de outras colegas que também querem favorecer o processo de ensino aprendizagem das crianças, ampliando suas vivências na linguagem musical de maneira significativa.

3- ANÁLISE DE DADOS

3.1 O que as entrevistas e questionários apontam

Após analisar os questionários respondidos por professoras da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos, por professores de musicalização em outras instituições e as entrevistas realizadas, foi possível identificar pontos comuns e também alguns divergentes quanto aos dilemas vividos pelas professoras, mas também perceber, com entusiasmo, que existem práticas importantes que já exploram novas possibilidades com a linguagem musical.

Na Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos, assim como na maioria das Instituições de Educação Infantil, há uma predominância feminina. Desta maneira, o termo "professora" prevalece nestes questionários. Como salienta Souza (2010), embora essa primeira etapa da Educação Básica tenha diversas origens, nas várias propostas o cuidar e o educar se relacionavam à maternidade e ao âmbito doméstico, características consideradas femininas. Ou ainda como explica Rosemberg:

A educação infantil - tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola - é uma atividade historicamente vinculada à "produção humana" e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período. (ROSEMBERG, 1999, p. 11)

Já com relação aos profissionais com formação musical, de outras instituições, no universo de 4 questionários aplicados, um deles era do sexo masculino.

Percebe-se, através do quadro, que as professoras da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos, com exceção de uma, possuem graduação em pedagogia; a maioria possui pós-graduação na área da educação. A média de tempo de atuação na educação infantil das professoras da Escola

Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos, que participaram da pesquisa, é de 10 anos, apesar de ter uma minoria de professoras de 1º e 2º ciclos do ensino fundamental que está muito próxima da aposentadoria. Nenhuma delas possui formação na área musical. Em conversas informais, todas disseram não ter tido, nem mesmo na faculdade, disciplina voltada especificamente para a área da música.

Professoras da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos sem formação na área musical	
	Tempo de atuação na EI
Professora 1	2 anos e meio
Professora 2	16 anos
Professora 3	11 anos
Professora 4	10 anos
Professora 5	12 anos
Professora entrevistada 6	12 anos
Professora entrevistada 7	29 anos
Professora entrevistada 8	30 anos

O quadro, a seguir, refere-se aos professores de música de outras instituições que contribuíram com a pesquisa. Eles possuem graduação em cursos diversificados, nem sempre ligados à música, no entanto, todos possuem formação na área musical. Para estes foram aplicadas perguntas distintas, de acordo com a necessidade da pesquisa.

Formação	Professores
curso de música na Fundação de Educação artística de 1980 a 1993; pós-graduação em educação musical pela UFMG.	Professor A- Professor e assessor na área da linguagem musical
Graduação em Pedagogia Musicalização na Escola Pro-music (3 níveis) musicalização infantil UFMG CMI – 2 períodos violão – Pro music	Professor B- Professora de musicalização Infantil em Escola particular em Belo Horizonte e Professora para Educação Infantil.
Bacharel em flauta transversal e licenciada em Educação musical (UFMG)	Professora C
Psicologia pela UFMG - Cursos de especialização em musicalização infantil e musicoterapia. Curso de piano particular. Curso de violão particular. Bailarina integrante da Companhia de Dança do Palácio das Artes de 1982 a 1990.	Professor D -Professora de musicalização infantil em Escola particular de Belo Horizonte.

Um dado que considerei relevante a ser identificado na pesquisa foi a relação particular que a professora estabelece com a música e foi possível apurar que todas demonstram um envolvimento afetivo muito significativo neste sentido. Além de apreciarem, relatam experiências pessoais e familiares de prazer com a música. Esse é um dado que pode indicar uma predisposição positiva para trabalhar com a linguagem musical.

O quadro seguinte corresponde às atividades musicais proporcionadas pelas professoras:

Atividades	Total de professoras que realizam a atividade
brincadeiras cantadas	04
cantigas de roda	02
Cantigas infantis com gestos corporais	01
exploração de instrumentos musicais	01
confeção de instrumentos musicais com sucata	01
identificação e discriminação de vários ritmos musicais	01
Exploração do corpo para produção dos sons	01
Dança	01
Jogos musicais	01
audição de músicas diferenciadas	01
cantam em diversos momentos da rotina (merenda, entrega de crachás, descanso, etc)	02

Através do quadro acima, percebe-se que há uma diversidade de atividades, contemplando vários aspectos indicados no RCNEI. Na observação, foi possível constatar que, realmente, a utilização da música para sinalizar atividades e/ou formar hábitos vem se tornando uma prática cada vez menos utilizada, sendo substituída por práticas mais significativas. Borges (2003, p.115) ressalta que “se a música for utilizada apenas com o objetivo de ensinar conceitos matemáticos, reforçar hábitos de higiene, cumprimentar ou despedir de visitantes ou anunciar o momento do lanche ou da história, se estará desvirtuando a sua função primeira”.

Essas professoras, sem formação em música, disseram realizar atividades de linguagem musical, diariamente. De acordo com o observado e com dados coletados nas entrevistas e questionários, percebe-se que a intenção das professoras ao realizar tais atividades é, principalmente, oportunizar prazer e alegria às crianças.

Música é arte [...] seu papel na Educação Infantil é o de proporcionar um momento de prazer ao ouvir, cantar, tocar e inventar sons e ritmos. Por este caminho, envolve o sujeito como um todo, influenciando, beneficentemente, nos diferentes aspectos de sua personalidade: suscitando variadas emoções, liberando tensões, inspirando ideias e imagens, estimulando percepções, acionando movimentos corporais e favorecendo as relações interindividuais. Borges (2003, p.115)

As professoras B e D, que possuem formação, também contribuíram com algumas dicas de atividades realizadas nas aulas de musicalização infantil, dentre elas a produção de sons com diferentes partes do corpo, apresentação de instrumentos variados, roda de cantoria, folclore brasileiro, melodias apropriadas a cada faixa etária, escuta de músicas instrumentais, clássicas, eruditas e de diferentes países, músicas populares brasileiras, atividades com gestos e movimento corporal, brinquedos cantados, cantigas de roda, danças etc.

É importante destacar que as atividades sugeridas são semelhantes às realizadas pelas professoras sem formação, porém citaram também atividades relacionadas a estrutura musical para distinguir grave de agudo e atividades de notas, som longo, som curto, intensidade, timbre, duração, altura, ritmo harmonia e melodia.

Porém, nas estratégias utilizadas para apurar as possibilidades vislumbradas no trabalho com a linguagem musical e a relação que é percebida entre a atividade proporcionada e o desenvolvimento da criança ou a consciência das intencionalidades ao se realizar essas atividades, há uma diferenciação entre os dois grupos (com e sem formação). Durante as observações e até mesmo em conversas informais com as professoras, sem formação, percebe-se que a música é uma atividade pouco planejada, enquanto atividade com objetivos em si mesmo; geralmente, é uma atividade para a diversão ou para enriquecer uma outra atividade.

Os professores, com formação, consideram primordial no trabalho com a linguagem musical a vivência e a consciência dos parâmetros sonoros, a ênfase a atividades apoiadas na expressão corporal, oralidade, expressão vocal, composição, história da música, apreciação, prática em um instrumento e performance.

Toda a musicalização que é a base da formação musical tem que iniciar e persistir na prática das características do som. É importante que esta prática esteja inserida no repertório, na improvisação vocal, instrumental e também na expressão corporal.(professor A)

O professor A, com formação, acredita que o trabalho com a linguagem musical deve despertar, estimular e desenvolver o gosto pela atividade musical, além de atender as necessidades de expressão da criança na área do afeto, cognição e estética. A professora C, acredita que a principal intencionalidade, no trabalho com música, deve ser utilizá-la como veículo para a formação de um ser humano melhor.

Nas respostas das professoras A e C, com formação, foi surpreendente perceber que não há grande divergência com as respostas das professoras, sem formação, no que diz respeito às intencionalidades do trabalho com a linguagem musical. Tais professoras indicam a formação integral da criança, sem destacar um desenvolvimento específico na própria linguagem musical.

Questionadas sobre o grau de satisfação com a prática na linguagem musical, as professoras foram unânimes em dizer que não estão satisfeitas, apenas uma ponderou que “dentro do meu conhecimento e experiência profissional: sim.”

Assim, faz sentido que, ao serem questionadas sobre o que mais poderiam fazer na linguagem musical, muitas delas, preferem responder que precisam de mais formação. Ou seja, considero que o que está implícito nessa reação de questionar a formação, é um referendo, mesmo sem conhecer, da resposta da colega: “Com o meu conhecimento e experiência profissional, sim,” estou satisfeita com meu trabalho, Que poderia ser traduzido pela resposta: Com a formação que tenho, faço o meu máximo.

Um dado relevante percebido, durante as entrevistas, foi a preocupação com respeito à diversidade cultural das crianças. Uma professora relatou como essencial

possibilita a expressão "pela criança do que traz, pois, senão, mata-se qualquer possibilidade de interação com a sua cultura". Considero importante essa postura da professora, principalmente na linguagem musical, já que é um espaço onde a diversidade cultural mais se manifesta. É importante valorizar o que a criança traz de casa, as vivências que já possui, respeitar esta cultura, assim contribuiremos para que ela respeite também outras culturas e, a partir daí, ampliar o universo cultural delas. Loureiro (2008) explica que o aprendizado de música deve ser um ato de desprendimento prazeroso, que comungue com as experiências da criança.

Destaco que algumas professoras, sem formação, acham que para realizar um bom trabalho nessa área, deve-se saber tocar algum instrumento, essa prática também foi citada por uma professora, com formação, no sentido de se ter uma prática mais coerente. A presença de um profissional com formação para contribuir com o trabalho também foi mencionado por duas professoras.

Um trabalho para ser considerado ideal deveria ser realizado por um profissional habilitado

Deveria ter um profissional nesta área para desenvolver um trabalho musical e corporal com as crianças da Educação Infantil.

Tanto professores com formação, como sem formação sabem da importância da música no desenvolvimento das crianças e citaram diversas contribuições, entre elas: socialização, atenção, concentração, comunicação, percepção, memorização, linguagem oral e habilidades de escuta. Assim como salienta Rosa:

[...] para o desenvolvimento da coordenação viso motora, da imitação de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal. Essas funções psiconeurológicas envolvem aspectos psicológicos e cognitivos, que constituem as diversas maneiras de adquirir conhecimento, ou seja, são as operações mentais que usamos para aprender, para raciocinar. A simples atividade de cantar uma música proporciona à criança o treinamento de uma série de aptidões importantes (ROSA, 1990, p.21).

Uma professora salientou que "é mais cômodo trabalhar com o que já existe, pois mudar requer tempo para pesquisar, preparar e trabalhar. E para quem não teve formação musical, não sabe tocar instrumento, é mais difícil ainda". Contudo, para esta professora, através da fruição, apreciação, pode-se trabalhar a linguagem musical.

Quanto ao interesse e satisfação das crianças, todas afirmaram que a criança gosta e se mostra interessada em todas as propostas ligadas à música. As professoras também disseram gostar muito de música, até mesmo por ser a escola um ambiente musicalizado.

As crianças gostam de experimentar instrumentos, principalmente percussão e gostam de "dar o seu recado".

Um dado que demonstra o compromisso e o orgulho, dessas professoras, com o trabalho que realizam, foi apurado ao se perguntar se o fato de não possuírem a formação na área musical comprometia o trabalho delas. Elas reconhecem que sim, mas relativizam a questão, dizendo que a formação enriqueceria as propostas, mas que existem as demais dimensões onde atuam satisfatoriamente. Também relatam a necessidade de mais formação/capacitação nesta área. Demonstam clareza com relação ao papel da própria escola e da Secretaria Municipal de Educação – SMED, na garantia de formação continuada. Para Loureiro (2003, pág. 221), a inserção da música no universo escolar depende, antes de mais nada, de uma reflexão da atual realidade educacional e depende ainda de uma vontade política e de investimentos sobretudo na formação do professor.

Acho que falta preparo específico; falta de valorização cultural; dificuldade pessoal para adquirir conhecimento acadêmico e didático sobre linguagem musical e poucas vagas para cursos específicos pela prefeitura. (professora 7)

A necessidade de participar de cursos de formação nessa linguagem é inegável, mas uma professora também acrescentou que essa formação tem que ser constante, continuada, pois um curso apenas, nem sempre é o suficiente.

Os cursos nessa área podem ajudar a ampliar o olhar, descobrir novas possibilidades, intencionalidades no trabalho com essa linguagem e, também, servem para mostrar nossos limites (professora 8).

Sendo o dilema em questão, a falta de formação das professoras e sabendo que estas realizam, diariamente, um trabalho nessa linguagem, faz-se necessário exigir tal formação em todos os espaços que tivermos acesso. Mas também é preciso caminhar com esperança e destacar sempre o compromisso das professoras que constroem a história da educação infantil no dia a dia. Neste sentido, destaco a

fala das professoras a respeito da realidade vivida na escola:

“Com a linguagem musical temos possibilidade de oferecer um trabalho interdisciplinar. Em nossa escola apesar de achar que trabalhamos pouco esta linguagem com nossas crianças, a emoção, a criatividade, e a consciência corporal são bem trabalhadas” (professora 7).

É difícil rompermos com uma lógica já bastante engessada de utilização da linguagem musical: música para cada momento da rotina (entrada, merenda, saída, etc). Contudo o que penso é que esta ruptura acontece no momento em que nos dispomos a trabalhar com a música em outros momentos, como nas brincadeiras, escuta, danças e ritmos, acesso a experiências com músicas de outras culturas (professora 6).

“Quando não se tem formação específica, é preciso muita pesquisa, muita leitura, escutar muita música e uma boa formação, básica que seja, em música para que tenha uma maior amplitude na sua musicalidade através da consciência dos parâmetros sonoros e da real importância da música para o desenvolvimento geral do ser humano. Isto seria o básico, apenas para começar...” (professor A)

3.2 Perspectivas para a educação infantil e seus dilemas

Essa pesquisa, através dos procedimentos definidos para a coleta de dados, confirmou a importância da formação para uma atuação de qualidade. No entanto, essa seria uma constatação muito óbvia, possível de ser feita mesmo antes da pesquisa. Inclusive, essa é uma constatação recorrente nos discursos de teóricos de profissionais que atuam na educação e presente em qualquer política de formação.

A LDB/96 avançou na concepção de criança como sujeito de direitos e instituiu o direito da criança a um desenvolvimento integral e a função pedagógica das Instituições de Educação Infantil. Em consequência a esta nova concepção, houve a publicação do RCNEI em 1998, que traz na definição de objetivos, conteúdos e orientações para o professor, amplia muito o horizonte do trabalho educativo a ser feito na educação infantil.

Como o RCNEI foi um material amplamente divulgado, e muitos conteúdos ali explicitados eram e ainda são novos, causou um desconforto, por parte das professoras, já que não se sentem instrumentalizadas o suficiente para corresponder a tais preceitos. No RCNEI, em seus objetivos gerais para educação infantil diz:

A prática da educação infantil deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades: (...) • utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva; (pág. 65 vol. 1) (grifo meu)

Ao dar tratamento igual às diferentes linguagens nos objetivos gerais, os referenciais indicam uma expectativa de processos e resultados de desenvolvimento da criança também iguais. É verdade que existe a alusão “ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação”, mas não fica claro, qual deve ser a intenção ou expectativa da professora com relação aos níveis conceituais a serem construídos pelas crianças nas diferentes linguagens, ao contrário, supõe-se uma igualdade, já que não há distinção. No entanto, geralmente, nas instituições de educação infantil, no tocante as linguagens oral e escrita, define-se objetivos que indicam avanços conceituais no desenvolvimento das crianças. Por exemplo, aos cinco anos, espera-se que se comuniquem com frases completas. Temos o conhecimento e a habilidade de ajudá-la a avançar do “aca” até “por favor, posso ir beber água?”

No item “Presença da Música na Educação Infantil: ideias e práticas correntes”, defende-se a música como linguagem e forma de conhecimento, esperando que o professor ofereça condições para o desenvolvimento de habilidades, de formulação de hipótese e elaboração de conceitos.

Pesquisadores e estudiosos vêm traçando paralelos entre o desenvolvimento infantil e o exercício da expressão musical, resultando em propostas que respeitam o modo de perceber, sentir e pensar, em cada fase, e contribuindo para que a construção do conhecimento dessa linguagem ocorra de modo significativo. O trabalho com música proposto por este documento fundamenta-se nesses estudos, de modo a garantir a criança a possibilidade de vivenciar e refletir sobre questões musicais, num exercício sensível e expressivo que também oferece condições para o desenvolvimento de habilidades de formulação de hipóteses e de elaboração de conceitos. (RCNEI, 1998,p.48)

Neste sentido, considero que para trabalhar com o fazer musical (interpretação, improvisação e composição) que tanto amplia as possibilidades de ação na educação infantil, impõe-se o desafio da formação. No geral, as professoras não possuem o mesmo domínio na linguagem musical que tem da

linguagem escrita.

Na educação infantil, trabalhar com a identidade das crianças é fundamental e, na linguagem escrita, quando evidenciamos a importância do domínio da escrita do primeiro nome como marca/representação daquele indivíduo único, sabemos como atuar para oportunizar essa aprendizagem. Se a criança assina seu nome assim: “EDPOR”, sabemos pensar estratégias para ajudá-lo a descobrir que existe uma ordem a ser respeitada na sequência daquelas letras, para fazer representar o “PEDRO”. Se escrevem “AAI”, tentando escrever: “MAMÃE”, também sabemos como atuar.

Na linguagem musical não temos formação suficiente para entender as hipóteses formuladas pelas crianças em suas produções e, conseqüentemente, planejar estratégias que possibilitariam avanços conceituais.

Cito um trecho do RCNEI para demonstrar o tamanho das possibilidades de desenvolvimento das crianças na linguagem musical que se indica nesse documento e possível angústia que traz a uma professora, sem formação, e comprometida com seu trabalho.

Além de cantar, a criança tem interesse, também, em tocar pequenas linhas melódicas nos instrumentos musicais, buscando entender sua construção. Torna-se muito importante poder reproduzir ou compor uma melodia, mesmo que usando apenas dois sons diferentes e percebe o fato de que para cantar ou tocar uma melodia é preciso respeitar uma ordem, à semelhança do que ocorre com a escrita de palavras. A audição pode detalhar mais, e o interesse por muitos e variados estilos tende a se ampliar. Se a produção musical veiculada pela mídia lhe interessa, também mostra-se receptiva a diferentes gêneros e estilos musicais, quando tem a possibilidade de conhecê-los (RCNEI, 1998, p. 53).

Os objetivos a serem alcançados com as crianças de quatro a seis anos também são ousados e pedem uma melhor formação da professora.

- explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo;
- perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais. (RCNEI, 1998, p.55)

Como já foi enfaticamente demonstrado, vários trechos do RCNEI trazem dilemas para professoras, sem formação, na medida que estas não conseguem traduzir o defendido por este documento em práticas coerentes. Talvez por isso, a música continue sendo entendida como importante meio de enriquecer as atividades e alegrar o ambiente, sem ser conteúdo de planejamento e avaliação específico,

mesmo que tenha havido avanço na qualidade e diversidade das músicas selecionadas.

No entanto, avalio que a DCNEI, Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, e que tem caráter mandatório, ou seja, devem ser observadas, obrigatoriamente, pelas Instituições de Educação Infantil, trazem exigências mais adequadas à realidade da formação das professoras e do trabalho realizado nas instituições. Pois, no que se refere às práticas pedagógicas da educação infantil, diz que se deve garantir experiências que “favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” e também “que promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (DCNEI, 2010, p. 25 e 26).

Considero que a exigência “favorecer a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio” é possível de ser realizada nas escolas, mesmo as professoras não possuindo formação específica, já que esse inciso defende práticas apenas exploratórias, sem definir níveis conceituais a serem alcançados pelas crianças.

Quanto a promover a interação das crianças com diversificadas manifestações “de música”, compreendo que este também não exige níveis conceituais a serem alcançados. As práticas na escola, no geral, têm promovido a interação das crianças com as diferentes manifestações culturais, como a música.

Apesar das Diretrizes terem caráter obrigatório e os Referenciais não e pelo fato da DCNEI ter sido publicada alguns anos depois, os municípios, como é o caso de Belo Horizonte, construíram suas proposições curriculares baseadas no RCNEI, trazendo o mesmo dilema do descompasso entre o que se propõe e as possibilidades de trabalho que a formação da professora permite.

É importante salientar que tanto a nível nacional como regional, atualmente, é possível contar com referenciais de qualidade bastante satisfatória que poderiam produzir práticas educativas de maior qualidade, desde que as políticas de formação em serviço acompanhassem e instrumentalizassem para esse avanço.

Fundamentado no compromisso de realizar um trabalho de qualidade, o PPP da escola em que atuo, também se baseou no RCNEI, o que ocasionou trechos como esse:

Explorar os sons em altura, duração, intensidade e timbre são possibilidades que devem ser oferecidas na educação infantil. Exercitar a audição, perceber os sons e os silêncios são importantes para a percepção do mundo. Na Educação Infantil, portanto, não é importante apenas ouvir diferentes tipos de música, mas também produzir música, descobrir sons e combinações.

Mas, infelizmente, devido a falta de uma formação específica, ainda temos que avançar nesse aspecto. Nesse contexto, arrisco mencionar que é perceptível um descompasso entre as produções teóricas, documentos oficiais e as práticas das professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida para esse trabalho foi uma angústia quanto a minha atuação na linguagem musical. O RCNEI, documento, que traz amplas possibilidades no trabalho com essa linguagem, também pode ter sido um marco no sentimento de mal estar de toda professora que busca realizar um trabalho comprometido, de qualidade e respeitoso com os direitos da criança a se desenvolver de forma integral. Questão pessoal que permeou todo o trabalho. No entanto, a pesquisa concentrou-se nas práticas musicais de professoras, sem formação.

O resultado obtido através da análise dos questionários e entrevistas aplicados aos professores, com e sem formação, para identificar as práticas realizadas na linguagem musical, mostra que ainda há muitos desafios no que diz respeito ao trabalho com música.

É fato que a música é uma importante área do conhecimento e a mesma traz uma série de benefícios no desenvolvimento da criança. Porém, a maneira como a música vem sendo trabalhada na escola nem sempre contribui com este desenvolvimento, apesar do objetivo da educação infantil não ser formar músicos, como afirma Brito (2003, p.46) “A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje”. Mas como chegar a tal objetivo quando não se tem uma formação consistente sobre o tema?

Percebe-se que a formação é extremamente importante. Dada a relevância do trabalho com a linguagem musical, este conteúdo deve fazer parte da grade curricular dos cursos de graduação voltados para a Educação. Porém, as professoras, que atuam na escola pesquisada, não tiveram essa disciplina em sua formação inicial. Aliado a isso, a política de formação das Secretárias Municipais de Educação, muitas vezes, são inexistentes ou insuficientes para sanar tais deficiências da formação inicial.

Desta forma, a formação continuada em serviço, seria um mecanismo importante de maneira a enriquecer os conhecimentos das professoras para que estas se sintam preparadas e seguras para possibilitar atividades musicais

significativas e consistentes.

Outra possibilidade interessante seria o trabalho conjunto entre professores, sem formação, e professores especialistas, de modo que as professoras, sem formação, fossem aos poucos auxiliadas em suas práticas musicais na escola, ampliando seus conhecimentos e suas experiências do dia a dia, objetivando o surgimento de novas práticas que contemplem a música, favorecendo o desenvolvimento das crianças. Fonterrada (1993: 72-73), considera que, “sem dúvida, há muitas atividades que o professor não músico pode desenvolver, com o objetivo de estimular o gosto pela música”, porém, este mesmo autor salienta que, “no entanto, embora o professor não músico possa dar conta de uma série de atividades ligadas a música, outras questões são específicas do professor especialista, e é ele quem, afinal, deverá tomar as rédeas do processo educativo”.

O desconhecimento sobre o tema impede um trabalho mais relevante na área, pois, como trabalhar sobre um conhecimento, se não se tem uma compreensão do mesmo? Se conscientizar da importância de um trabalho com esta linguagem, é um começo, mas é preciso avançar. Neste sentido, a formação deveria ir além da sensibilização, passando a cumprir também o papel de instrumentalização, na busca por uma real transformação das práticas musicais.

O próprio RCNEI (1998, p. 47) ressalta que "constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área da Musical e nas demais áreas de conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical". Poucos professores trabalham a questão da exploração dos elementos do som, da estrutura da música e não conseguem enxergar esses aspectos como um trabalho essencial dentro da linguagem musical.

Mas é preciso ressaltar também que o confronto das análises dos questionários e entrevistas com o RCNEI trouxeram uma outra indagação. Qual o verdadeiro papel da música nos currículos de educação infantil hoje? Neste sentido, embora a música esteja presente como linguagem e forma de conhecimento" no RCNEI (1998, p. 48), ela ainda não se mostra tão relevante dentro dos planejamentos e avaliação na educação infantil. Ouso dizer que há um

descompasso entre os avanços contidos no RCNEI e a realidade da formação das professoras que têm a função do fazer acontecer no dia a dia da instituição. Além de acenar com novas perspectivas de atuação, também seria função do RCNEI ser um instrumento formador para transformação das práticas? Ou esta função seria das políticas públicas de formação das secretárias de educação de cada município?

Desta forma, justifica-se o mal estar da professora em definir seu papel acerca desta linguagem, pois, se para trabalhar com essa linguagem, é preciso construir conhecimento, a professora, sem formação, vive o dilema de não sentir-se capacitada. Se o esperado é que a professora proporcione experiências e vivências ricas na área da música, levando a criança a se expressar através dessa linguagem, a professora, sem formação, poderá fazê-lo e muito já se avançou neste sentido. Portanto, evidencia-se a necessidade de clarear o papel da música na educação infantil para que ela possa vir a ter, de modo consciente, um valor significativo no desenvolvimento das crianças. E, assim, alcançar práticas ainda mais relevantes.

Apesar deste trabalho ter enfatizado a importância da formação, faz-se necessário explicitar que a formação não é a varinha mágica que resolverá todas as questões da educação de qualidade. Trabalhar com a música em educação, às vezes, torna-se um desafio a parte por vários motivos. Tornando difícil até mesmo saber por onde começar, somando-se a falta de material pedagógico adequado, falta de interesse dos professores e até de gestores, falta de espaço adequado, entre outros pode comprometer o trabalho e, assim, continuar dentro dos padrões mecânicos e espontaneístas.

No entanto, ainda assim, considero que jogar luz na relação que se estabelece entre as perspectivas de trabalho com a música, enriquecidas com tantas produções teóricas e publicações legais e a realidade de formação da professora possa ser um enfoque novo nessa discussão, talvez indique novos diálogos entre os que idealizam e os que são responsáveis pela execução.

Enfim, minha pesquisa não foi conclusiva, termino com vários questionamentos como se percebe nessas considerações. Mas ela foi fundamental em meu processo profissional. Foi relevante perceber que a falta de formação não impede um trabalho com a música, como acontece na escola em que atuo, mas com certeza, uma política de formação ajustada às necessidades da professora e os

avanços teóricos na área enriqueceria as propostas com linguagem musical qualificando o trabalho. E, dentre os dilemas e possibilidades que permearam este trabalho, termino com maior entusiasmo em buscar uma formação que instrumentalize a minha atuação nesta linguagem. No entanto, reafirmo que essa não pode ser uma busca individual. Acredito que é direito de todas as crianças a garantia de políticas públicas que favoreçam a atuação de qualidade de todos os professores.

REFERÊNCIAS

BONA, Paschoal. **Método Musical**. São Paulo: IGAL, 2007.

BORGES, Teresa Maria Machado. **A criança em idade pré-escolar: desenvolvimento e educação**. 3ªed. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 3. Conhecimento de Mundo. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 1. Introdução. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Editora do Brasil.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 5/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 dez de 2009.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.

CONTAGEM.(MG) Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Currículo da Educação Infantil de Contagem – Experiências, Saberes e Conhecimentos: A criança, a música e a linguagem musical-** Prefeitura Municipal de Contagem, 2012. Volume 6.

FONTEARRADA Marisa Trench de O.. **A educação Musical no Brasil: algumas considerações**. In: Anais do II Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical. II Encontro Anual da ABEM, Porto Alegre, 1993, 69-83.

_____. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Ed. UNESP, (2005).

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GRANJA, C. S. Carlos Eduardo. **Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação**. 2.º ed. São Paulo: Escrituras, 2010.

LIMA, Ailen Rose B. de; STENCEL, Ellen de Albuquerque B. **Vivência musical no contexto escolar**. Música na educação básica. Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2010. disponível em

http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/pdfs/revista_musica_educacao_basica2.pdf acesso em 23/03/15

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MARCONI, Marina. A.; LAKATOS, Eva M.. **Fundamentos da metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a Música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2005

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Expansão da Educação Infantil e processos de exclusão**. Cadernos de Pesquisa, n. 107, julho/1999, p. 7-40. disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a01.pdf>

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 5º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. **Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO Para Professoras da Escola Municipal Professor Christovam Colombo dos Santos

Tempo de atuação na Educação Infantil: _____

Possui formação na área musical? _____

1- Quais são as atividades realizadas por você, em sala, dentro da linguagem musical?

2- Com que frequência estas atividades são realizadas?

3- Você acha a sua prática dentro desta linguagem satisfatória?

4- O que mais poderia ser feito?

5- O que você considera que poderia ser feito pela Escola/ SMED para contribuir com o trabalho nesta área?

6- O que você considera que poderia ser um trabalho ideal nesta área?

7- Quais contribuições que você considera mais importantes do trabalho com atividades musicais para o desenvolvimento da criança?

8- O fato de não ter formação profissional nesta área compromete o seu trabalho?

9- Qual a sua percepção em relação a satisfação e interesse das crianças durante as atividades musicais?

10- Qual é a sua relação particular com a música?
